

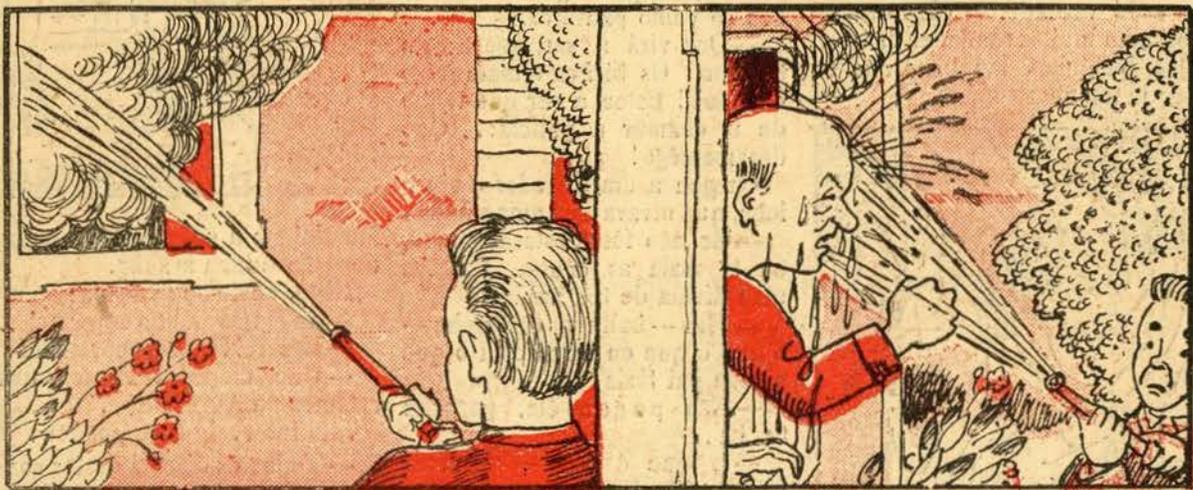


SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA  
RITA**Zé distraído**

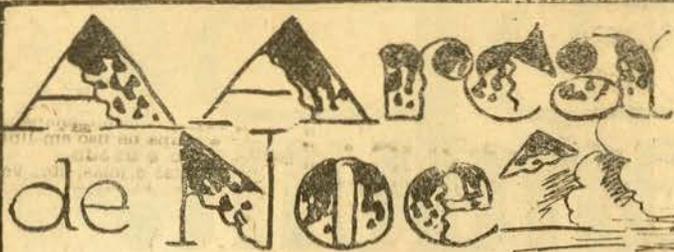
I — Junto à janela, em seu lar,  
e em seu cachimbo a fumar,  
«Zé» Seixas lê o jornal...

II — Entanto, o «Zé» Distraído  
regava, muito entretido,  
as flores do seu quintal,



III — Porém, vendo a fumaçada  
e supondo incendiada  
a residência fronteira,

IV — prega um duche nas bochechas  
do seu amigo «Zé» Seixas,  
apontando-lhe a mangueira.



Por MANUEL FERREIRA

**Q**UANDO Deus se arreliou com as maldades dos homens, mandou uma chuva medonha, a-fim de os castigar.

Muitos dias e noites choveu. A terra confundia-se já com os oceanos.

Porém, havia um homem, bom e virtuoso, chamado Noé, que, com seus filhos Sem, Cam e Jafé, constituiu uma família muito unida.

Ora, quando Deus tencionou abrir as cataratas do céu, preveniu, com a devida antecedência, o bom Noé, ordenando-lhe, ao mesmo tempo, que construísse um barco, onde ele e a sua família viveriam até a chuva acabar.

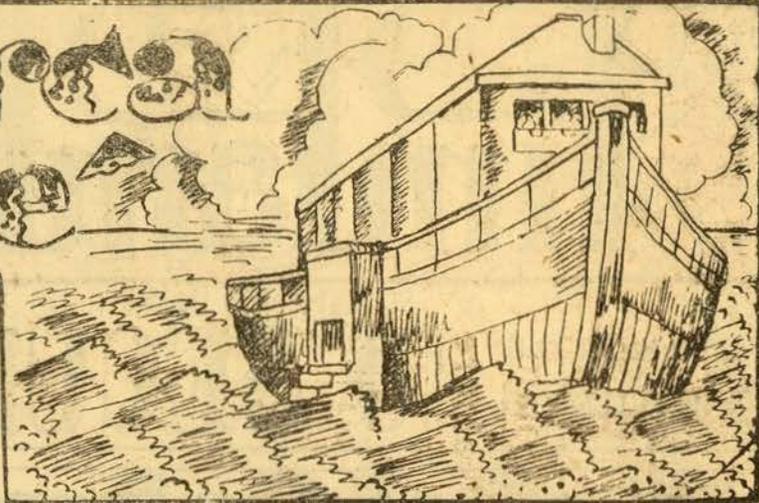
Até aqui o conto nada tem de curioso. Porém, o que é certo é que na Arca recolheu-se um casal de animais de toda a espécie.

Durante o tempo que estiveram na Arca, Noé e os seus filhos tiveram de, constantemente, reprimir conflitos, porque estavam lá bichos que não se davam bem.

A raposa, um dia, encontrou a galinha:

— Olá, comadre, por aqui?...

— E' verdade. E olhe que estou com muitas saudades da terra. Que bichinhos tão bons que eu por lá apanhava...



A raposa retorquiu:

— E tantas capoeiras que eu assaltava, comadre. Palavra que, mesmo aqui, a vizinha não está segura.

E cresceu para ela.

— Socorro! — gritou a galinha. Noé apareceu, correndo:

— Que vem a ser, isto?...

A galinha, mal podia cacarejar:

— E' a raposa que não faz caso da minha neutralidade.

Noé observou:

— Aplica-lhe as sanções...

A galinha rematou:

— Se pudesse, nem sei o que faria...

A raposa interveio:

— Vê, vê, o pai Noé, o que ela está a dizer...

A galinha tornou:

— Se pudesse, ia-me embora e não esperava pelo fim da chuva.

Nisto, chegaram gritos aos ouvidos do velho patriarca.

— Que virá a ser, agora, este barulho? Os bichos tomam juízo ou não?! Estou a ver que tenho de ir chamar a polícia... Que desassossêgo!

Chegou a um corredor e viu o lobo, que uivava para uma ovelha:

— Se não fôsse estarmos aqui, eu te fazia as contas. Pagavas uma dívida de teu pai...

— Mas — baliu a ovelhinha — o que é que eu tenho com o que o meu pai fazia?

— Não pagou ele, pagarias tu. E...

— O que é isso? — interveio Noé. — Que bulha é esta?

O lobo observou:

— Foi o pai desta ovelha que me ficou a dever.

— O quê?

— A pele. E eu, agora, estava a pedir contas à filha...

— Mas vocês estão em minha casa ou estão na rua? Ora está! Não há maneira dos bichos se darem uns com os outros. Daqui a pouco, ferro-lhes muitas em cima...

No outro dia, dirigiam-se os bichos todos para a casa de jantar.



Mantinhm a ordem dois lacraus, um leão e uma aranha.

Nisto, ouviu-se zaragata:

— Se faz favor, não empurre!...

— Espere! Não seja apressado...

— Que maçada! Parece que estamos na Abissínia...

Jafé interveio e respondeu:

— Todos os dias há destes conflitos. Se não se portam bem, meu pai dá-lhes ordem de despejo...

Os bichos disseram:

— E' o compadre cachorro que

# DUAS CANÇÕES INFANTIS

De AUGUSTO DE SANTA-RITA

## CANÇÃO DO MENINO A CAVALO

I

Em seu cavalo de páu,  
a galope: — «Táu-táu-táu...»  
o menino vai à guerra,  
vai defender sua terra!



II

Em seu cavalo de páu  
a galope: — «Táu-táu-táu...»  
é tal qual um general,  
vai defender Portugal.

Zumba, zumba, zumba, zumba,  
zumba, zumba, catapumba...  
Ei-lo, num grande alvorôço,  
no seu cavalo balouço.

Zumba, zumba, zumba, zumba,  
zumba, zumba, catapumba...  
Ei-lo, num grande alvorôço,  
no seu cavalo balouço!

## ■ O EMBALAR DA BONECA ■

A minha boneca  
faz o seu «ó-ó»...  
Que bela soneca,  
Tró-laró-laró!...

em nossos «ó-ós»  
junto à nossa Mãe.

Que sonhará ela  
sobre a linda fronha  
de linho e flanela?!  
com certeza sonha!

A minha boneca  
faz o seu «ó-ó»...  
Que bela soneca,  
Tró-laró-laró!...

Sonha como nós  
sonhamos também,

F

I

M



está a querer chegar primeiro ao  
almôço...

O elefante, envergonhado, olhou  
para trás e disse, a desculpar-se:

O cachorro, indignado, justificou-se:

— Não é verdade. O sr. elefante é que está com pressa. E com um corpanzil daqueles quasi que mata os vizinhos,

— A menina pulga, se faz favor, tem juizo. Se me torna a empurrar, apanha dois estalos e ponho-a no meio da rua...

Por esta amostra do que lá se passava, aválie m os meninos, agora, a triste figura que fazem, quando se zangam, também, uns com os outros... salvo seja!

F

I

M

# A LIÇÃO DO CAVALO de PAU

POR MARIO COSTA PINTO

**O** Zecas era um endiabrado garoto de cinco anos que só estava bem fazendo o mal. Por mais que lhe ralhassem, não se emendava e o seu maior prazer consistia em atirar pela janela fora o que apanhasse à mão. Nada lhe escapava; as facas, garfos, argolas de guardanapos, paliteiros — eu sei lá! — todos os utensílios da casa, iam parar à rua, num abrir e fechar de olhos.

Era um menino muito feio por ser tão traquinas e porque as repreensões não conseguiam fazer dele um rapazinho de juízo, tinha que ser contrariado nos seus desejos, como único castigo capaz de o corrigir.

Mas ele não era só mau; tinha outro péssimo defeito: o de se fazer sonso nas vésperas dos dias de festa lá de casa, para, assim, com falsas promessas de não tornar a fazer tolices, conseguir brinquedos.

Como era um grande estragadão, nem os próprios bonitos conservava inteiros por muito tempo e, logo que apanhava a mãe distraída, amachucava-os, para ter a simples satisfação de os ver inutilizados.

Ora o Zecas tinha uma predilecção especial pelos animais de pasta, mas claro que estes também não duravam muito, visto que o garoto, além de ser mau, tinha também a mania de estudar veterinária e, volta e meia, estava com uma faca a estripar os pobres animaizinhos...

Isto sucedeu um horror de vezes e, por esta razão, uma vez, pelo Natal, o Menino Jesus deu-lhe um cavalo de pau, capaz de resistir a todos os maus tratos.

Nos primeiros tempos, o Zecas e o cavalito foram amigos inseparáveis e era tanta a amizade que o miúdo lhe dedicava, que acabou por dormir com ele na cama.

Passada a época do Natal, o rapazinho já não se importava muito com o cavalo e teve, então, a idéa de lhe fazer a autópsia.

A idéa porém não o ajudou. O brinquedo era de madeira tão rija, que o Zecas não teve força para a perfurar, correndo até o risco de cortar os dedos, pois que a faca escapou-lhe das mãos umas poucas de vezes.



Contrariado, pôs o cavalo de castigo numa das prateleiras da dispensa, ficando muito satisfeito da vida com o desprezo que tinha

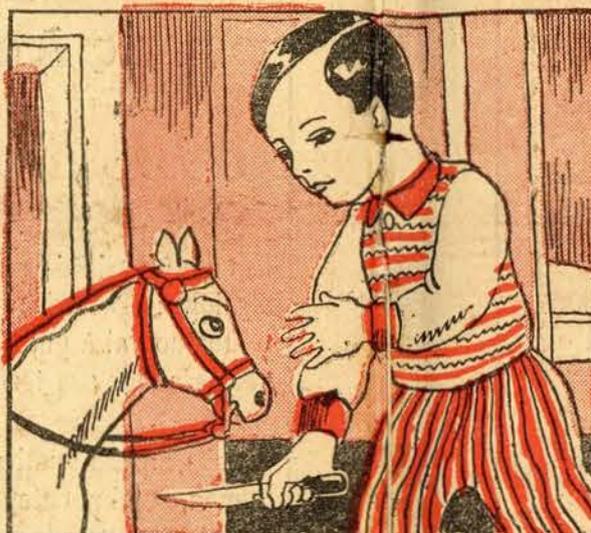
dado ao cavalito. Este, que gostava muito de sossêgo, não se ralou nada com a desconsideração do Zecas e ficou, até, muito contente, por não ter que andar em bolandas.

Com o rodar dos tempos, o Zecas esqueceu-se do brinquedo. Um dia viu a criada levar um boião de doce para a despensa, e logo planeou o assalto à prateleira. Como ela era alta, pulou para um banco, procurando com as mãos alcançar o boião. Tanto estendeu os braços, que deu com ele e, depois, vá de o puxar até à beirinha da prateleira. O trabalho ia bem feito quando sucedeu uma tremenda desgraça!... O cavalo de pau estava deitado à frente do boião e, quando o Zecas puxou por este, o cavalito desequilibrou-se e, caindo com violência sobre o seu antigo amigo, fez-lhe um grande galo na testa.

Ao choro do pequeno, acudiu a mãe aflita, que logo fez ver o justo castigo da sua feia acção. Se o Zecas não fosse guloso e se não tivesse desprezado o cavalinho, nada disto teria acontecido.

O menino, num grande choro, prometeu não tornar mais e, realmente, pela primeira vez cumpriu a promessa. A dura lição do cavalo de pau emendou o Zecas.

Os meninos que leram esta história, não queiram nunca ser maus como foi o Zecas, nem tenham a ansiedade da gulodice, porque o castigo, tarde ou cedo, chega sempre.



# Amigo de Peniche

POR LAURA CHAVES

**N**o cimo dum grande ulmeiro, morava o Pisco Lambisco, sempre alegre e prazenteiro, e muito bom companheiro para comer um petisco.

Ora o Pisco, eu vos explico, não era de grandes teres, mas tinha um amigo rico, o compadre Maçarico, senhor de enormes haveres.

Sempre que havia jantar ou banquete memorável, coisas boas a papar, o ricaço, todo amável, tratava de o convidar.



Aos pássaros da floresta, contava o nosso Lambisco: — Que dizem vocês a esta? Convida-me para a festa por comer pouco, ser pisco.

Pois uma vez abancado — aquilo é que era ter fome, era vê-lo atrassalhado e sempre ao melhor bocado! De pisco só tinha o nome!

Ao Maçarico devia por isso grandes favores, mas não os retribuía, — que era pobre, não podia dar-lhe, assim, iguais primores.



— Nunca em seu ninho comi... disse o Maçarico aos sapos. — Inda lá me não perdi! e acrescentou: — Nunca vi a côr dos seus guardanapos.

Mas o Pisco é meu amigo, e tem um belo feitio, franco e bom para comigo, acreditem no que eu digo, é um pássaro com brio!

Um dia, aí, que alvorôço! Deu-se um caso de pasmar! O Pisco dava um almoço, na laranjeira do póço, à rolinha do pomar.

E então que almoço era aquê! Um grão de aveia, groselha, uma uva moscatel, até um favo de mel! Tudo de trás da orelha!

Quando o Maçarico ouviu dêsse tal almoço a ementa, fúlo, raivoso, explodiu:

VÊR NA 7.ª PAGINA:

## CONCURSO DOS BICHOS

— Nunca mais esse vadio à minha mesa se senta.

Nunca a mim me convidou e comeu-me tanto bife! Vá comer onde almoçou! Um tal amigo — berrou — não é amigo, é um patife!

Agora aconselho eu: «É arrenegar do amigo que, comigo, come o meu: e que come o seu contigo.»



# O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS

POR ABELHA MESTRA

*Minhas queridas  
Abelhinhas*

Têm, hoje, um lindo trabalho que vocês podem ir fazendo com toda a antecedência, trabalhando devagarinho, com sossego, um bocado em cada dia.

E, assim, esse pintainho, portador do ovo da Páscoa, estará já acabado, em chegando essa época festiva e será, então, um belo presente para oferecer à vossa Mamã ou a qualquer amiguinha.

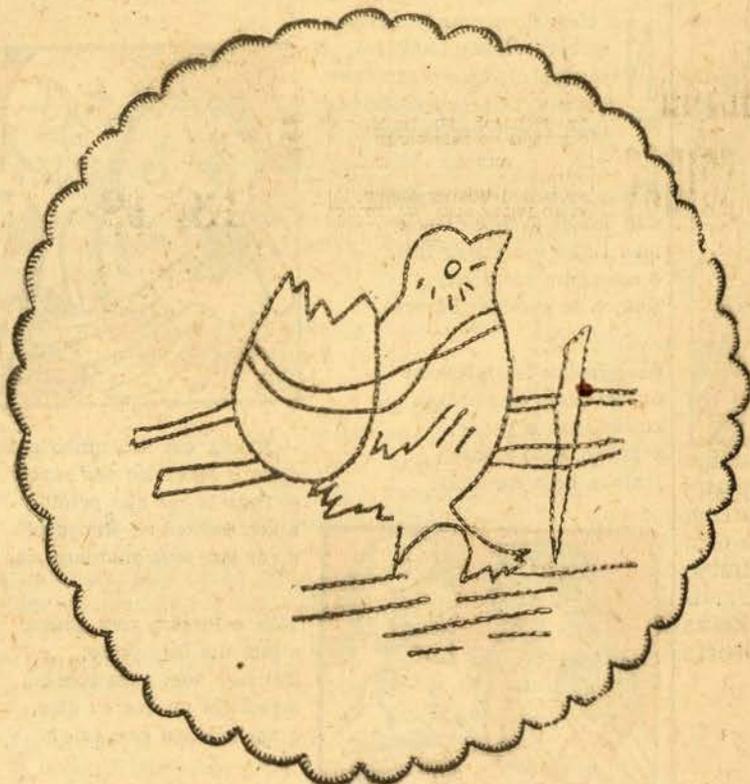
Não acham que ele também é bastante engraçado para enfeitar o vosso quartinho, junto dos bonecos e bibelots?

Vamos lá, então, a ver como bordá-lo?

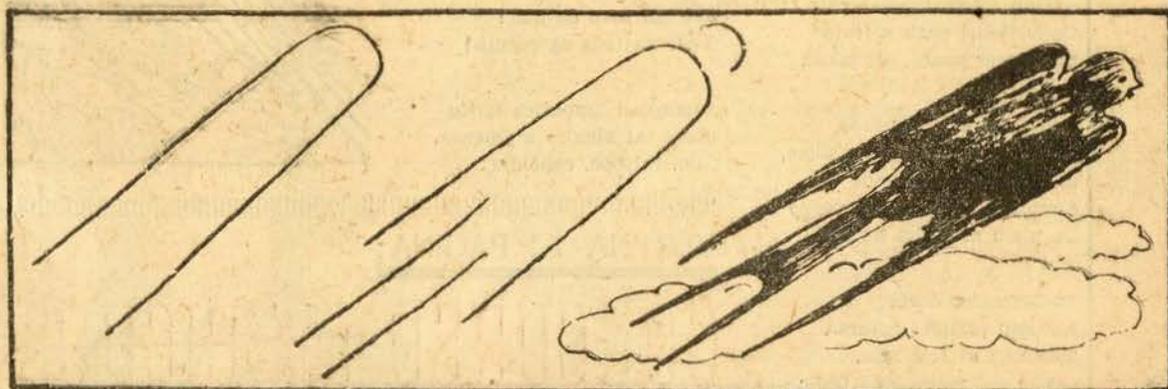
Este *napperon* faz-se sobre linho azul e com as seguintes cores:

O pintainho, amarelo. O olho, e o chão, verdes. E o recorte grande chi-coração de vossa amiguinha preto. O ovo, branco. A fita em branco. E agora recebam todas um amarelo mais carregado. As traves

ABELHA MESTRA



LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha uma andorinha

# CONCURSO dos BICHOS

## O TIÇÃO E O MASCOTTE

**P**ALAVRA que já foi coincidência! No outro dia em que eu por ali passei, encontrei outra vez os miúdos. Eles foram os primeiros a ver-me. Deram-me as boas tardes, em alga-zaarra.

— «Boas tardes. — (respon-di eu) — Vocês querem ouvir mais uma história de bichos?»

— «Queremos! Queremos!» — pedi-ram eles, em côro.

— «Está bem. Mas hoje é uma história para os mais pequenos. Ora, como no tal concurso está um gato, vou hoje contar-lhes uma história de gatinhos».

Os rapazes ficaram entusiasmados com o meu alvitre. Como era próximo dum jardim, encaminhámo-nos para lá. Sentaram-se todos, um num banco, outros no chão e eu comecei:

— «Num palacete muito rico, havia um gato francês, imponente e gordo, chamado «Mascotte». Comia sopinhas de leite, o seu linguado, o seu carapauzinho, etc. e tal. Tinha só um criado para tratar dele.

Dormia sobre uma pele de raposa, trazia uma coleira com uma fita de seda; enfim, vivia que nem um lord.»

— «Dessa maneira, quem me dera ser gato...» — observou, com graça, um dos mais miúdos.

— «E' verdade. Porém, esse gato era um plégas, sem expediente. Muito gordo, mal se podia mexer. Era a inveja da gataria da vizinhança».

Ora, de entre os gatos pobres que, por vezes, iam ao caixote do lixo do tal palacete, procurar as espinhas, contava-se o «Tição».



Gato portuguezinho, preto (como o nome indica), azougado e esperto, era magrinho e havia até quem lhe chamasse, por zombaria, o «Passa-Fome». Era o que se chama um gato va-

dio, sem eira nem beira. Mas ágil e esperto, não havia outro...

A's vezes, «Mascotte» e «Tição» juntavam-se no jardim do palacete. E o gato francês, vaidoso, observava:

— «Tira-te da minha vista pobretão tão. Parece impossível que tu, um gato da rua, te aproximes de mim.»

O «Tição» ria-se e respondia trocista.

— «Olha lá, tu queres uma corrida comigo. Estás tão gordinho que nem te podes virar, meu «pote da graxa».

Mas, no seu íntimo, o modesto «Tição» revoltava-se contra o mau character do vizinho. Então, por um ser rico e outro ser pobre, era motivo para o «Mascotte» proceder assim?



Ora, para um quintal próximo do palácio, veio um cão muito mau e esgaldado, que se chamava «Foguete». Tinha um ódio mortal aos gatos desde que um gato o arranhara nos olhos, havia muitos anos.

Uma vez, estava o «Mascotte» a re-lilar com o gato vadio, por este se querer aproveitar duns sobejos desprezados pelo outro. Andavam quasi que à bulha. O amigo «Foguete», lá do quintal, ouviu a barulheira e observou:

— «Temos mouro na costa. Estou aqui estou a meter-lhes um susto...»

Dito e feito. Daí a pouco, o cão parecia que vinha danado. Saltou o muro e, enquanto o «Tição», que dir-se-ia uma seta, se punha ao fresco, o «Foguete» revirou os dentes para o rico «Mascotte».

Não lhes digo nada, o gatinho fidalgo, muito gordo, mas sem esperteza nem iniciativa, miou, miou, miou, sem que ninguém lhe acudisse.

E, então, meus meninos, ouçam bem. O pobre «Tição» foi ao palacete miar, aflito, e chamou assim a atenção duma criada que ainda veio a



tempo de salvar o «Mascotte» que, todavia, ficou muito ferido.

— Se o «Tição» não dêsse providências, era uma vez um gatinho orgulhoso.

Os rapazes compreenderam o alcance da história. Riram-se e disseram-me:

— «Amanhã estamos aqui à mesma hora...»

— «Cá estou. Hel-de trazer um reportório... de trás da orelha». — observei eu, a despedir-me.

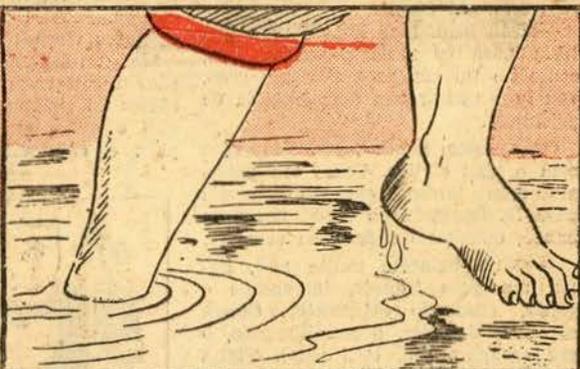
F I M

## A DIVINHA



Meus meninos: — Vejam se descobrem onde se encontra o Bucha?

# O campónio, o lobo, o cordeiro e a couve



Meus meninos: — Certo campónio, levando consigo um lobo, um cordeiro e uma couve e tendo de atravessar um pequeno ribeiro para chegar ao seu povoado, estacou indeciso,

Não podendo transportá-los ao mesmo tempo, pensava, deveras atrapalhado, como resolver o complicado problema. E deu mil tratos à sua imaginação. Se levasse primeiro o lobo, o cordeiro, na margem de cá, ao ver-se sózinho, comeria a couve. Se levasse a couve, o lobo comeria o cordeiro.

Não se deixem levar pelo critério do campónio, pois é bastante zaranza. O melhor é dizerem-nos o que êle deve fazer, a-fim de lhe transmitirmos a solução, que publicaremos no próximo número.